

Desemprego atinge 121.100 no DF

É a maior taxa (16,1%) registrada desde o início do ano, segundo pesquisa realizada pelo GDF, Dieese e Seade

CLÁUDIA CARNEIRO

A recessão econômica colocou nas ruas, no mês de setembro, mais de 1.700 pessoas à procura de emprego, elevando o número de desempregados para 121.100 em todo o Distrito Federal, ou 16,1% da população economicamente ativa. Esta é a maior taxa de desemprego registrada no DF desde o início do ano. Os dados foram levantados pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) realizada em setembro pelo GDF, Dieese e Seade/SP. A pesquisa revelou que a renda da população continua caindo e os salários dos servidores da administração pública são os mais afetados.

A força de trabalho em Brasília aumentou, no último mês, em 2.400 pessoas. Ou seja, um número maior de pessoas entram no mercado de trabalho, inchando-o, enquanto a oferta de emprego diminuiu. "Embora a taxa de desemprego na grande Brasília concorra com a dos grandes centros urbanos, nossa situação é mais crítica, pois nossa indústria, que funcionaria como reaquecedor do mercado, é reduzida", avaliou José Carlos de Luca, representante da Secretaria de Administração e Trabalho do GDF na coordenação da PED.

Renda — Realizada pela Codeplan e Secretaria da Administração

e Trabalho, em convênio com a Fundação Seade/SP e Dieese, a Pesquisa de Emprego e Desemprego verificou uma queda nos rendimentos médios reais dos trabalhadores empregados, pelo segundo mês consecutivo. Do início do ano até agosto, o salário dos servidores públicos acumulou a maior perda — segundo a PED, de 22,7%.

O rendimento da massa trabalhadora caiu 6,6% em agosto. Mas a redução acentuada do poder de compra do funcionalismo público afeta diretamente os serviços, onde concentram 51,8% dos brasilienses com ocupação, analisam os assessores da Codeplan. Na opinião da supervisora técnica do escritório do Dieese em Brasília, Rosane Maia, poderá haver uma reversão na queda da renda dos servidores públicos para o próximo mês, em função da implantação da isonomia salarial.

O setor da construção civil novamente surpreendeu, apresentando pelo terceiro mês redução do desemprego, além do aumento real da renda. "Quando há aquecimento da demanda, os salários crescem também", explicou José Carlos de Luca. Segundo ele, os trabalhos do metrô de Brasília são os responsáveis pelo saldo positivo no setor — representaram nos últimos meses a geração de oito mil novos empregos. A indústria foi o setor que

mais demitiu nos últimos sete meses.

O desemprego atinge mais intensamente Ceilândia, Samambaia, Paranoá e Brazlândia. Em cada grupo de mil trabalhadores, naquelas satélites, 216 estão desempregados. Os homens e, principalmente, os chefes de famílias foram as maiores vítimas da recessão, enquanto as mulheres conseguiram melhor colocação no mercado, no último mês.

Outro dado que reflete a crise econômica e demanda de emprego é o aumento do número de horas trabalhadas, em confronto com a queda da renda. Ou seja, o trabalhador está ganhando menos por hora trabalhada.

Procura — Em setembro, a procura por emprego no Sistema Nacional de Empregos (Sine) aumentou. Nos sete postos distribuídos no DF, 14.128 desempregados foram atendidos durante o mês. Dos 677 profissionais do mercado formal, encaminhados a empresas que ofereciam vagas, 297 foram colocados. A procura pelo seguro-desemprego alcançou recorde. O benefício foi requerido por 4.462 desempregados, número que supera o mês de janeiro, quando o índice de desemprego é alto pela demissão em massa de trabalhadores contratados para prestação de serviços no final de ano.

Dida Sampaio



O índice de desemprego na construção civil vem caindo